

UMA HISTÓRIA DE VIDA E DE TRABALHO: O EDUCADOR IRONIDES RODRIGUES

GILCA RIBEIRO DOS SANTOS*

Quando falamos em intelectuais, formamos uma imagem mental que se debruçam sobre livros, lendo e refletindo sobre teorias.

Pensamos em almofadinhas de óculos agarrados às letras que deixam de vivenciar a prática.

Uma imagem bastante distante, por exemplo, do conceito de intelectual era aquele que, mesmo não dominando a cultura erudita, toma consciência da dominação da elite e lidera sua classe rumo a emancipação.

O verdadeiro intelectual é aquele que pensa realidade, tal como propunha Gramsci, mas que tem simultaneamente o domínio da cultura erudita, observando dados concretos para possibilitem o aprimoramento próprio e do outro a sua volta.

Pesando em nossos dias, poderíamos mesmo dizer que o verdadeiro intelectual movimenta-se também, de certa forma, pela cultura popular e de massa para pensar a realidade.

Alguém disse certa vez que o pensamento confere ao homem “asas” para mover-se no mundo e “raízes” para aprofundar-se na realidade.

Neste sentido, o pensamento social, vinculado a educação, poderia ser definido como um conjunto de ideais pensadas, por intelectuais, externando desejos de aprimorar as relações entre os indivíduos e o contexto vivenciado pela coletividade, visando melhor o ser humano e seu meio, garantindo progresso material e mental.

* Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia

Neste sentido, o pensamento social, que teve como centro a educação, tentaremos reconstituir aspectos significativos da história de vida do educador Ironides Rodrigues, grande ativista da educação, do amadurecimento e desenvolvimento do movimento negro.

A TRAJETÓRIA DE IRONIDES RODRIGUES

O educador Ironides Rodrigues nasceu em 1923, na cidade Uberabinha, atual Uberlândia, em Minas Gerais.

Do período em que viveu na cidade, relata que guarda em suas memórias experiências por vezes difíceis, como também se lembra das boas influências que recebeu da convivência comunitária e familiar.

De sua infância lembra a estrutura familiar fragilizada pela ausência do pai e pelas atribuições fatigantes da mãe como trabalhadora doméstica ao mesmo tempo em que era chefe de família.

Estudou no Grupo Escolar “Buena Brandão”, do primário ao ginásial. De onde guardou de lembranças ruins e boas. Com a professora dona Ingrácia, não aprendeu nada, o ar debochado da professora e os castigos físicos como beliscões e reguadas nunca foram esquecidos.

Tenho o preconceito racial na carne. Lembro-me de que certa vez soube, já no fim de meu curso ginásial, que certo professor teve que imiscuir-se na eleição de orador da turma, impedindo-me que fosse eleito, para que a cidade, com minha eleição, não pensassem que só um negro tinha competência para falar em nome da turma. Isso me entristeceu a tal ponto que recusei a participar das festividades bacharelícias, em 1942. É verdade que muitos professores que honram a sua formação liberal aconselharam-me a não dar importância ao episódio racista, mas aquele episódio me ficou gravado n'alma. Esta minha índole combativa a todos os preconceitos me vem de muitos anos atrás. (RODRIGUES, 1998:12).

Desde sua juventude, Ironides já expressava sua consciência de pertencimento racial,

em Uberlândia, eu e o Chico Pinto, irmão de Grande Otelo, tínhamos um jornalzinho, A Raça, em que debatíamos que a única esperança para tirar o negro da miséria econômica e cultural em que ele está mergulhado é a educação. Um pugilo de homens de cor, com decisão e denodo, se reunia para traçar programas depois que saía cansado da longa atividade diurna. Esses negros admiráveis esqueciam seus problemas domésticos para pensarem na desgraça nacional de seus irmãos de raça. Relembro todos eles com carinho e amor, João Benedito Brasil, Diná, Bené, Alceu Marcelino, Doca, (...). (RODRIGUES, 1998: 15).

Em suas memórias Ironides escreve que naquele longínquo 1933, até Chico Pinto, já pensava num teatro só para negros, numa época em que era difícil fazer até o teatro usual. Conta que:

Chico Pinto, lutando contra todas as reações inimagináveis, conseguiu montar Kalu – O príncipe de alma branca, com artistas negros e brancos. Levada ao Cine Teatro Avenida, Chico mostrou, com essa peça musical e belamente plástica, até onde se podia contar com o poder de interpretação espontânea do artista negro. Mas de trinta artistas passando representando pelo palco a história de um príncipe negro que os brancos, com evasivas, retiram de sua ilha e levam para a escravidão da cidade tentacular. O efeito do espetáculo foi de espanto. Uberlândia não estava preparada para tamanho impacto. (RODRIGUES, 1998: 16).

Em 1944, Ironides muda-se para o Rio de Janeiro com o objetivo de prestar o exame para ingressar na Faculdade Nacional de Direito. Esse período foi muito difícil, diz ter sofrido todos os infortúnios de uma pessoa distante de sua comunidade. Hospeda-se em na pensão de Dona Guiomar. Para contornar as dificuldades financeiras na pensão além de morador tornou-se também trabalhador.

Assim se referia sobre esse tempo: “O sobrado amarelo de Dona Guiomar, uma senhora de Minas (...) era uma pensão de estudantes onde eu limpava (...). Os rapazes me olhavam com olhar de indiferença, talvez por causa de um olhar humilde que fazia. (RODRIGUES, 1998: 22).

E foi, pois nesta pensão, que iniciou suas atividades de educador. Ironides relata:

Que num certo dia, enquanto estava desenvolvendo suas atividades domésticas, observava a filha da dona da pensão, que preparava uma atividade escolar, a tradução de um texto, em francês. Diante da dificuldade, dirigiu-se a moça a mãe que estava ao piano, pedindo-lhe a tradução das palavras “bossu” e “loitain”. A senhora, disse-lhes desconhecer o sentido. Ironides, contudo, sabia: “respondi, ao tirar a poeira da mesa dos quadros e portas. Bossu se traduz corcunda e lontain é distante, longe. (RODRIGUES, 1998:25).

A filha da patroa disse que a resposta deveria estar correta, uma vez que junto ao texto apresentava-se uma ilustração de um homem corcunda

Pelo exposto, a senhora declara que diante de um rapaz “tão competente”, os serviços de “gente inculta” seriam abolidos. Informa-o que seus préstimos seriam voltados para aulas particulares para sua filha e outros estudantes que iria reunir entre aqueles que se hospedavam na pensão.

O domínio de Ironides sobre a língua francesa é reconhecido nas informações de um militante paulista, ao declarar que teve acesso à leitura de “Orfeu Negro”, de Jean Paul Sartre, a partir de uma tradução de Ironides Rodrigues. (MULLER, 1988: 45). Para concluir o curso superior foram necessários trinta anos. Este longo percurso está longe de demonstrar incapacidade ou desânimo intelectual de Ironides. Em seu livro “Memórias de um Negro Atuante” ele nos apresenta elementos significativos, que nos dias atuais, estão bem colocados, no campo de análise sobre as dificuldades de um cidadão negro ingressar, permanecer e concluir sua trajetória escolar no curso superior.

Lembra, contudo, que a realização do sonho de ingressar e concluir a Faculdade de Direito não foi como previa, ao depara-se com dificuldades de natureza econômica. Mesmo distante dos bancos escolares por períodos, dedicou-se à tarefa de preparar outros como relata que:

Os exames na Nacional de Direito não foram fáceis em 1943 (...) fiz as provas com a cara e a coragem, depois de estudar pelas madrugadas afóra, com os olhos vermelhos de insônia e cansaço (...) Tinha aulas de manhã e a tarde e, o aluno pobre que porventura ali ingressasse e tivesse que trabalhar não poderia fazer um curso regular. Foi o que aconteceu comigo (...)

abandonei a Nacional por muitos anos. O interessante é que por este tempo eu preparava legiões de alunos para ingressar na minha faculdade ou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (...) todos aprovados nas matérias que lhes ministrava: francês, latim, literatura universal historia da filosofia (...) o que muito ajudou no meu ganha pão. (RODRIGUES, 1998: 34).

Na faculdade, foi um exímio observador de seus mestres. Para alguns, especialmente, guardava elogios ou críticas. Demonstrava uma apurada observação sobre o ofício de ensinar. Das aulas de latim, guardava boas lembranças e elogiava a postura didática do professor que, segundo ele, aplicava um método que fazia com que o conteúdo fosse acessível inclusive aos alunos “mais renitentes”. Destacou em especial, a postura do professor Lins e Silva, que lhe possibilitou acesso ao pensamento de Nina Rodrigues, contraponto para suas posições.

A educação tem lugar na trajetória de Ironides, principalmente como professor de alfabetização de adultos no Teatro Experimental do Negro. Quando concluiu seu curso de direito, em 1974, dedicou seu diploma aos negros, aos operários espoliados pela máquina capitalista e burguesa, aos gays marginalizados, às prostitutas perseguidas e, ao índio brasileiro.

Próximo à sua morte, no ano de 1987, deixa em testamento o desejo de que o apartamento em que residia no bairro de Bento Ribeiro – subúrbio do Rio de Janeiro – fosse transformado em um centro de estudos, com quatro mil livros servindo de “consulta aos pesquisadores ou para os alunos pobres, que não podem comprar os compêndios indicados pelo professor”. (RODRIGUES, 1998: 37).

Entre as estratégias criadas pelo movimento negro, na década de 1940, para enfrentamento de uma sociedade fortemente hierarquizada e racista, buscando sua afirmação no espaço social. Formou-se, em outubro de 1944, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, o Teatro Experimental do Negro- TEN, composto por um grupo de homens e mulheres negras, liderados por Abdias do Nascimento.

O objetivo primordial era dar ao ator negro condições de levar aos palcos personagens livres dos estereótipos que foram absorvidos e reproduzidos pelo teatro brasileiro

especialmente a partir do século XIX. Propunha um negro humanizado contrapondo o negro bestializado.

A proposta do Teatro Experimental do Negro não era o simples incentivo a um teatro negro brasileiro, o teatro seria o meio principal de sensibilizar o público, tanto negro/branco.

A dramaturgia era uma estratégia de ação para criar uma conscientização da questão do negro, que não era discutida devido ao mito da democracia racial, fortemente presente no imaginário da sociedade. O negro não era exatamente uma questão porque era considerado elemento constituinte do projeto de formação da entidade nacional.

A trajetória do grupo e sua estratégia de ação mostram a maneira como esta iniciativa tão importante do movimento negro brasileiro relacionou-se com seu contexto. Esta entidade tem o seu apogeu entre 1944 e 1950, sendo oficialmente extinta em 1968.

Ao fundar o Teatro Experimental do Negro, seu principal articulador, em entrevista concedida a um importante jornal carioca, enfatizou que a educação seria a bandeira de luta do TEN, cujo principal objetivo seria o esclarecimento do povo:

Quando fundamos o Teatro Experimental do Negro, ficou desde logo estabelecido que o espetáculo, a pura representação secundária. O principal, nós era a educação, e esclarecimento do povo. Pretendíamos dar ocasião aos negros de alfabetizar-se com conhecimentos gerais sobre história, geografia, matemática, línguas, literatura, etc. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1946).

Para atrair a população interessada, as inscrições para as aulas de alfabetização e iniciação cultura eram publicadas em jornais cariocas e muitos operários, empregadas domésticas e até funcionários públicos procuraram a entidade para se inscrever. “Cerca de seiscentas pessoas se inscreveram no curso de alfabetização do Teatro Experimental do Negro”. (RODRIGUES, 1998: 42).

O projeto pedagógico do “Teatro Experimental do Negro” foi se estruturando na prática, com aulas e ensaios das peças teatrais. A criação de um curso de alfabetização surgiu com a dificuldade dos atores do teatro em memorizar e decorar as peças e decorar as peças teatrais o principal material pedagógico:

O Teatro Experimental do Negro tinha por base como um veículo poderoso de educação popular. Tinha sua sede num dos salões da União Nacional dos Estudantes, onde aportavam, dos subúrbios de vários pontos da cidade, operários, domésticas, negros e brancos de várias procedências humildes. Ali, a pedido de Abdias, ministrei por anos a fio, um extenso curso de alfabetização em que, além dos rudimentos de português, história, aritmética, educação moral e cívica, ensinei também noções de história e Evolução do Teatro Universal, tudo entremeado com lições sobre folclore afro-brasileiro e as façanhas e lendas dos maiores vultos de nossa raça. (RODRIGUES, 1998: 43).

Como observamos as aulas de Ironides aliavam arte-educação, privilegiando a temática teatral como estratégia para conscientização e reeducação negra. Assim, sua intenção era voltada para emancipação da comunidade negra, tendo em vista o combate ao racismo e a construção de uma identidade negra. Para alcançar estes resultados, era preciso que o negro fosse um conhecedor das suas matrizes culturais africanas e do seu protagonismo na construção do patrimônio histórico brasileiro.

Como foi escrito anteriormente, as tarefas de educação no TEN foram tratadas também por outros membros, as aulas do Curso de Alfabetização de adultos eram ministradas por Ironides que segundo suas palavras: “nada mais foi do que um educador (...)”. (RODRIGUES, 1998: 49). Embora bacharel em direito, este educador assume-se assim, adotando uma perspectiva próxima das abordagens posteriores sobre a educação, a educação pela arte e do educador social e político.

CONCLUSÃO

Ao final do exercício de tentar apontar onde estava o tema da educação na vida de Ironides Rodrigues, me deparei com outra pergunta: onde não está a educação na vida de Ironides Rodrigues ?

Educação está efetivamente em todos os lugares por onde Ironides Rodrigues passou. Por questão de espaço e formato desta publicação, não trouxe para a cena, o tema da educação como apresentado nos congressos e conferências organizadas pelo Teatro Experimental do Negro, presente nas teses, nos debates defendidos por Ironides.

O levantamento de fontes e análise bibliográfica nos permite concluir que Ironides foi pioneiro em algumas perspectivas de concepções relacionadas ao desenvolvimento do homem, do mundo e da sociedade desenvolvidas em suas experiências de educação de adultos, ao propor uma educação que trazia em si, a busca de outros lugares para os atores sociais negros e brancos, e a busca pelo estabelecimento de outros patamares das relações sociais, em que o racismo e suas conseqüências fossem combatidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. o longo caminho. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2004.

CASTELLS, Manuel. **Paraísos comunais**: identidade e significado na sociedade em rede. In. O poder da Identidade. V. II. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1999.

DA MATTA, Roberto. Digressão: **A fábula das três raças, ou o problema de racismo à brasileira**. In. DA MATTA, Roberto. Relativizando. Rio de Janeiro. Rocco. 1993.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1965.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Rio de Janeiro. Cortez. 2001

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro. José Olympio. 1969.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte. Mazza. 1995.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira e Silva, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos.** Belo Horizonte. Autêntica. 2000.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende, Brasil, meu Brasil Brasileiro. notas sobre a construção da identidade nacional. In. GONÇALVES, Maria Alice Rezende (Org.). **Educação e Cultura: pensando em cidadania.** Rio de Janeiro. Quartet, 1999.

GRAMSCI, Antônio. **Intelectuais e a organização da cultura.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia.** São Paulo. Ed. 34, 2002.

HALL, Stuart. **A questão multicultural.** In. HALL, Stuart. Da diáspora. identidades e mediações culturais. Belo horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós – modernidade.** Rio de Janeiro. DP&A, 2004.

JONES, James M. **Racismo e preconceito.** São Paulo. EDUSP, 1973.

LEGOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, São Paulo. Editora da UNICAMP, 1996.

MULLER, Ricardo Gaspar. **Identidade e cidadania: o Teatro Experimental do Negro.** Minc/Fundacem, número 28, 1988

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Abdias do Nascimento. In. CAVALCANTI, Pedro Celso Uchoa (Coord.). **Memórias do Exílio.** São Paulo. Editora e Livraria livramento, 1976.

_____, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.

_____, Abdias. **O negro revoltado.** Rio de Janeiro. GRD, 1968.

_____, Abdias. **QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro.** Edição fac similar do jornal dirigido Abdias do Nascimento; apresentação de Abdias do Nascimento e Elisa Larkin Nascimento. São Paulo. Editora 34, 2003.

_____, Abdias (Org.). **Teatro Experimental do Negro: Testemunhos.** Rio de Janeiro. GRD, 1966.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil.** São Paulo. Summus, 2003.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo. Brasiliense, 1994.

PERES, Maria Alice Guimarães. **O rebelde da causa negra.** Revista Eparrei, São Paulo, n.5, p.29-32, 2º Semestre/2003.

RODRIGUES, Ironides. **Diário de um negro atuante.** In. THOTH. Informe de distribuição restrita do senador Abdias do Nascimento. N.03 (1997) – Brasília: gabinete do Senador Abdias do Nascimento, 1997.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. (1870 – 1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Joselina da. **O clube dos Negros**. Interseções: revista de estudos interdisciplinares. UERJ – RJ – Rio de Janeiro, nº 1, p. 47-65, 2000.

SILVÉRIO, Valter Robério. **Sons negros com ruídos brancos**. In. Racismo no Brasil. São Paulo. Pierópolis, ABONG, 2002.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro. Graal, 1983.

TAVARES, Júlio César (1988). **Teatro Experimental do Negro**: contexto, estrutura e ação. Rio de Janeiro: Dionysos, nº 28: Teatro Experimental do Negro, MINC/FUDACEN, PP.80-87.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1995.

TESES E DISSERTAÇÕES

MARTINS, Ângela Maria Souza. **Dos anos dourados aos anos de zinco**: análise histórico-cultural da formação do educador no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. (Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – UFRJ), 1996.

XAVIER, Giovana. **Coisa de Pele**: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina (Rio de Janeiro 1880 – 1910), 2005. dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, 2005.

Jornais e documentos pesquisados no IPEAFRO Estado de Minas, 22 de dezembro de 2000.

IPEAFRO, Entrevista do Deputado Afonso Arinos realizada ao Jornal Última Hora, em 14 de dezembro de 1951.

IPEAFRO, Nosso Programa, Quilombo, dezembro de 1948, pág. 03.

IPEAFRO, ‘Teatro de Negros’, Ecos e Comentários, O Globo, 17 de out.

IPEAFRO, “O negro no Brasil”. O Jornal – Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1950.

IPEAFRO, “Democracia Racial: a atitude brasileira”, Gilberto Freyre, Quilombo, 09 de dezembro de 1948, pág.08.

IPEAFRO, “Absurda a exclusão das domésticas de todas as leis trabalhistas”, Diário Trabalhista, 05 de julho de 1946.

IPEAFRO, “Conferência Nacional do Negro: instala-se segunda feira na Associação Brasileira de Imprensa”, Jornal Correio da Manhã, 07 de maio de 1949.

IPEAFRO, “O TEN não encontra local de trabalho”, Diário Carioca, 04 de junho de 1952.

IPEAFRO, “Teatro Experimental do Negro. Origem – nenhum auxílio do governo – O’Neill para os negros”, Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1946.

IPEAFRO, João Conceição (Tradução), “KU-KLUX-KLAN: organização terrorista dos Estados Unidos”, *Jornal Quilombo*, julho de 1949.

IPEAFRO, “Instrui e valoriza o negro numa compreensiva campanha cultural”, *O jornal*, Rio de Janeiro, 30 de março de 1949.

IPEAFRO, “Qual a Boneca de Pixe de 1948?”, *Jornal O Radical*, 21 de abril de 1948. Depoimento da candidata Tâmara de Oliveira.